

PREÇOS ESTIMULADORES FORMAM EXPECTATIVAS DE MAIOR ÁREA PLANTADA NA SAFRA DE FEIJÃO DAS ÁGUAS, ANO AGRÍCOLA 2005/06¹

José Sidnei Gonçalves²
Sueli Alves Moreira Souza³

1 - PRODUÇÃO E FORMAÇÃO DE EXPECTATIVAS

As lavouras de feijão encontram-se espalhadas por todo o território brasileiro, envolvendo diferentes variedades e tipos, sendo o produto integrante e relevante da dieta alimentar de parcela majoritária da população urbana e rural. Segundo informações da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), datadas de junho de 2005, o consumo no País evoluiu de 2,88 milhões de toneladas no ano agrícola 2000/01 para 3,05 milhões de toneladas no ano agrícola 2004/05, para uma produção que, tendo crescido de 2,59 milhões de toneladas em 2000/01 para 3,21 milhões em 2002/03, reverte essa tendência e recua nos anos seguintes para atingir 2,91 milhões de toneladas em 2004/05. Em função disso, os estoques de passagem de uma safra para outra, que cresciam até 2003/04 quando totalizavam 418,4 mil toneladas, na entrada da safra 2005/06 estão estimados em 372,5 mil toneladas (Tabela 1), ainda sujeitos à alteração pela conclusão das estimativas da safra de inverno, última do ano agrícola 2004/05, que vem se apresentando com desempenho superior ao da anterior. De qualquer maneira, no curto prazo, não estão prognosticadas mudanças significativas nesse quadro de oferta e demanda do produto, qual seja de disponibilidade de oferta inferior ao consumo esperado.

Numa visão da distribuição das lavouras de feijão pelo território brasileiro, para o conjunto das diversas safras, segundo dados da CONAB, a área plantada que aumentou de 3,88 milhões de hectares no ano agrícola 2000/01 para 4,38 milhões de hectares no ano agrícola 2002/03 recua nos anos seguintes para atingir 3,91

milhões de hectares no ano agrícola 2004/05. Considerando a safra 2004/05, para avaliar a distribuição entre as Unidades da Federação brasileira, verifica-se que as Regiões Norte/Nordeste plantaram 2,43 milhões de hectares de feijão enquanto a Região Centro-Sul cultivou 1,48 milhão de hectares (Figura 1). Essa proporcionalidade, entretanto, não se sustenta quando se avalia a produção, pois das 2,84 milhões de toneladas da colheita estimada para 2004/05, apenas 890,6 mil toneladas vieram de cultivos das Regiões Norte/Nordeste, enquanto a Região Centro-Sul contribuiu com 1,95 milhão de toneladas (Figura 2). Isso em função de enormes diferenciais de produtividade, enquanto na realidade nordestina colhe-se abaixo de 400kg/ha, nas lavouras da Região Centro-Oeste obtêm-se médias maiores que 1.500kg/ha (Figura 3).

Sob a ótica das Unidades da Federação, essas diferenças se mostram também expressivas, uma vez que, em função da área plantada de feijão, as maiores contribuições viriam os Estados da Bahia (16%) e do Ceará (15%); quando se considera a produção têm-se os Estados do Paraná (21%) e Minas Gerais (18%) como principais fornecedores do produto. O Estado de São Paulo ocupa a oitava posição em área plantada (4%) e o quarto lugar em produção (9%). Essas diferenças decorrem do mosaico de situações encontradas nas lavouras de feijão quando visualizadas no plano nacional, envolvendo tipos, variedades, épocas de plantio, tecnologias e estruturas de mercado e formação de preços com enormes amplitudes de variação e distintos mecanismos de coordenação vertical do fluxo produção-consumo. As respostas aos estímulos de preços e das políticas públicas são, portanto, distintos, à medida que numa realidade o horizonte de mercado consiste no abastecimento da família e quando muito na venda de excedentes para os vilarejos mais próximos, enquanto para outros o foco está na produção especializada para os grandes centros.

¹Registrado no CCTC, IE-80/2005.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Oferta e Demanda de Feijão, Brasil, Safras 2000/01 a 2004/05
(em 1.000 toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2000/01	254,8	2.587,1	130,3	2.972,2	2.880,0	2,3	89,9
2001/02	89,9	2.983,0	82,3	3.155,2	3.000,0	16,2	139,0
2002/03	139,0	3.205,0	103,3	3.447,3	3.030,0	2,8	414,5
2003/04	414,5	2.978,3	78,5	3.471,3	3.050,0	2,9	418,4
2004/05	418,4	2.907,0	100,0	3.425,4	3.050,0	2,9	372,5

Fonte: CONAB, junho de 2005.

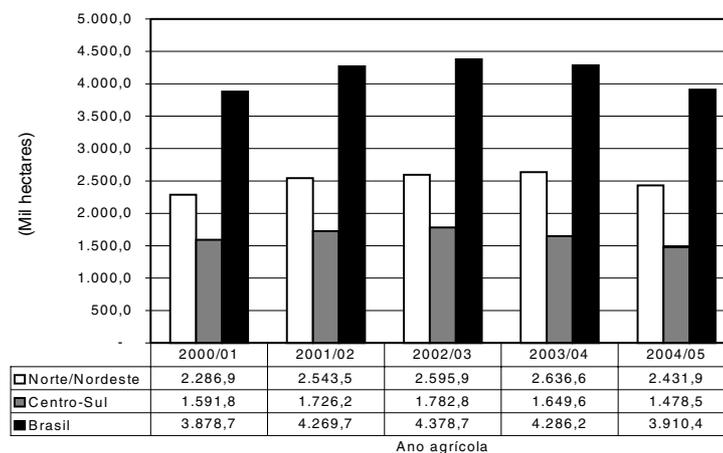


Figura 1 - Distribuição Regional da Área Plantada de Feijão, por Região, Brasil, Safras 2000/01 a 2004/05.
Fonte: CONAB, junho 2005.

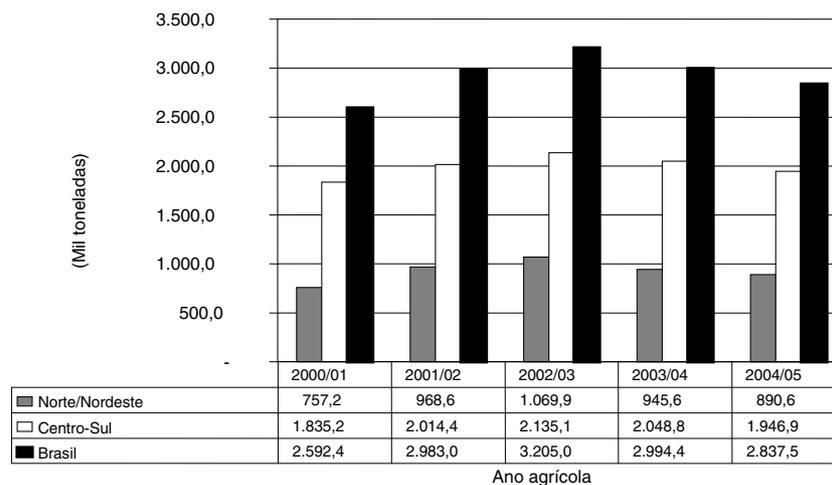


Figura 2 - Distribuição Regional da Produção de Feijão, por Região, Brasil, Safras 2000/01 a 2004/05.
Fonte: CONAB, junho 2005.

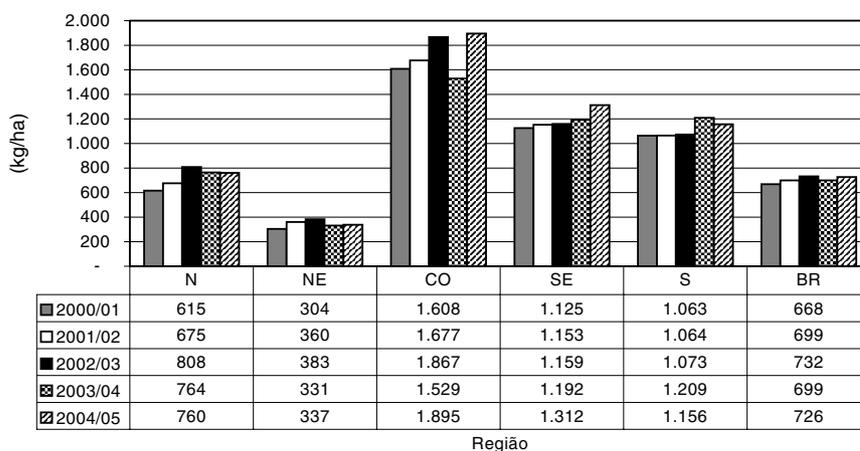


Figura 3 - Distribuição Regional da Produtividade do Feijão, por Região, Brasil, Safras 2000/01 a 2004/05.
Fonte: CONAB, junho 2005.

Por outro lado, há que ser consideradas as enormes diferenças de capacidades tecnológicas envolvidas, pois enquanto a imensa maioria dos produtores envolvidos na lógica da reprodução simples do capital tem suas práticas determinadas pela contingência do clima e da fertilidade do solo, outros, atuando na plenitude da reprodução ampliada do capital, investem em tecnologia com elevação das respectivas composições orgânicas do capital, com grande parcela destes últimos praticando cultivos irrigados de alta produtividade. Os movimentos dos mercados de feijão das praças relevantes no território brasileiro estão associados a esses lavradores capitalistas. Isso porque, enquanto atendimento dos mercados urbanos, em especial das cidades com mais de 50 mil habitantes, apenas as regiões que permitem maiores escalas para as estruturas além-porteira da cadeia de produção têm participação relevante no abastecimento, uma vez que as grandes beneficiadoras (empacotadoras) no atendimento às demandas dos supermercados predominam em função de custos de transação menores e elevada capacidade das respectivas logísticas de suprimento.

2 - PREÇOS E FORMAÇÃO DE EXPECTATIVAS

Os preços urbanos de feijão apresentam variações significativas de um ano agrícola para outro, e mesmo o comportamento das médias mensais dentro de cada ano reflete a capacidade de ajuste da oferta na resposta aos pre-

ços, uma vez que a enorme diversidade de regiões produtoras com possibilidade de responder a estímulos de preços e colocar produto nos grandes mercados brasileiros localizados nas Regiões Sul-Sudeste praticamente elimina a ocorrência de sazonalidades, características nos preços do atacado. A visualização da evolução dos preços no atacado paulistano (dados do IEA a preços de julho de 2005 deflacionados pelo IPCA do IBGE) mostra com clareza esse comportamento errático em que cada safra configura uma realidade de comportamento específico dos preços. Entretanto, um fato que fica patente nessas informações consiste em uma conjuntura de preços muito baixos conduzir a uma conseqüente redução drástica de plantio na safra seguinte, com o postergamento do ajuste se essa conjuntura estiver ligada à safra das águas, a mais importante para o abastecimento metropolitano. Isso aconteceu com os preços do atacado especialmente entre agosto de 2002 e abril de 2003 (Figura 4).

A análise do comportamento dos preços do feijão nos últimos doze meses (agosto de 2004 a julho de 2005), para os três níveis de mercado (produtor, atacado e varejo), utilizando dados do IEA, que também expressam valores constantes de julho de 2005, tendo como deflator o IPCA/IBGE, mostra tendência de crescimento e uma trajetória paralela entre os três níveis de mercado, permitindo asseverar rápida transmissão de preços (Figura 5). Embora estejam muito abaixo do patamar de preços elevados do período agosto de 2002 a abril de 2003, são os mais elevados para o início de um ano agrícola no

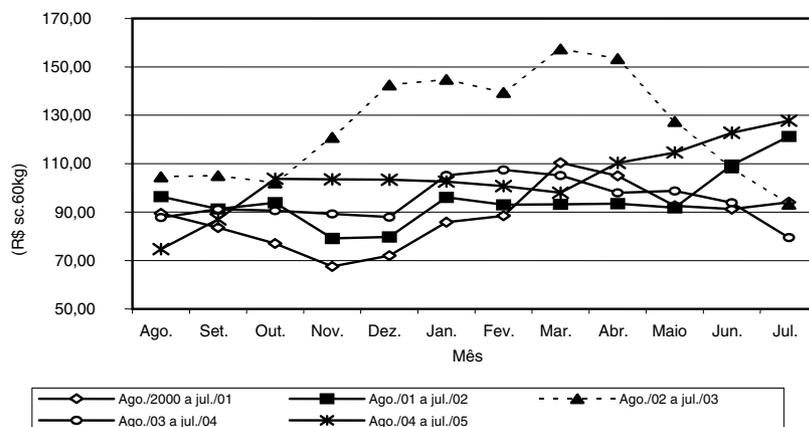


Figura 4 - Evolução dos Preços¹ de Feijão no Atacado Paulista, Agosto 2000/Julho 2001 a Agosto 2004/Julho 2005¹.
¹Em valores constantes de julho de 2005.
 Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

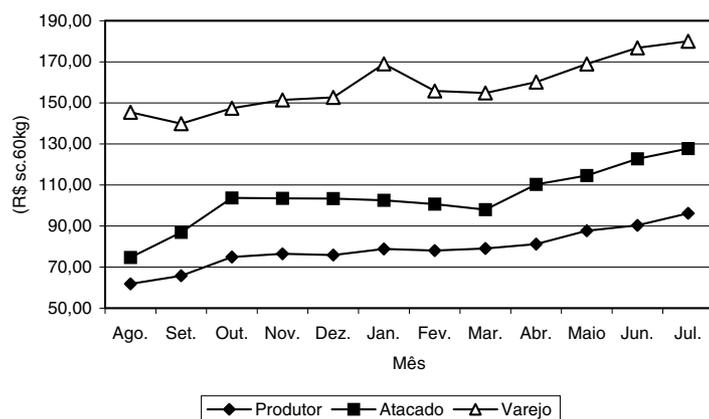


Figura 5 - Evolução dos Preços de Feijão nos Três Níveis do Mercado (Produtor, Atacado e Varejo), Estado de São Paulo, Agosto 2004 a Julho 2005.
 Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

período analisado (Figura 4). As perspectivas de continuidade desse cenário de tendência de alta de preços podem não se concretizar dada a entrada mais efetiva da produção da terceira safra, bem como a menor pressão de demanda dado o crescimento da renda. Posto que, sendo um produto de baixa elasticidade-renda da demanda, com o incremento da renda, o feijão tende a sofrer crescente substituição por proteína animal, primeiro pela carne de frango e depois pelas demais carnes. O cenário de redução da massa salarial que assolava os trabalhadores desde o início de 2005 teve reversão de tendência e aponta crescimento (Figura 6). Com isso, a pressão por maior consumo de feijão pode reverter-se para menor demanda e procura de outros substitutos. Portanto, os preços, tanto no varejo como no atacado, tenderão ter um comportamento de estabilidade ou mesmo de queda. As expectativas dos preços recebidos pelos agricultores elevados podem não se concretizar em estímulo tão

elevado como se esperava para incrementos da área plantada, em especial para os plantios mais tardios (outubro-novembro), mesmo porque os lavradores mais tecnicados (com irrigação), em regiões menos sujeitas a geadas, já estão com suas lavouras em curso para aproveitar a conjuntura de preços atrativos da entrada do ano agrícola 2005/06.

A primeira safra de feijão (safra das águas nas Regiões Sul-Sudeste) concentra-se na Região Centro-Sul, onde em 2004/05, mais de 811,2 mil dos 1,02 milhão de hectares das lavouras dessa leguminosa alimentar nesse período anual foram cultivados (Figura 7), tendo uma participação na oferta ainda mais expressiva, alcançando 1 milhão dos 1,09 milhão de toneladas produzidas (Figura 8). As maiores participações em área são dos Estados do Paraná (29%), seguido dos Estados de Minas Gerais (21%), e da Bahia (20%), e em produção também dos Estados do Paraná (36%) e de Minas Gerais (22%),

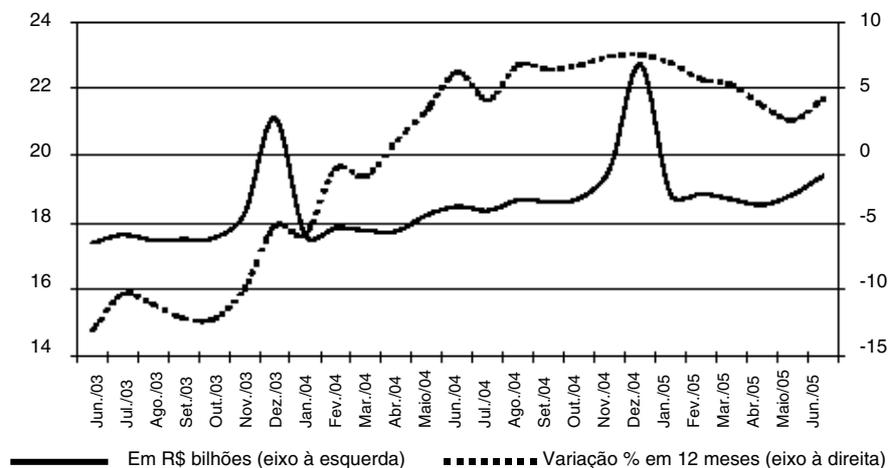


Figura 6 - Evolução da Massa Salarial Efetiva, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), junho de 2003 a junho de 2005.

Fonte: Elaborada a partir do **Boletim de Conjuntura**. Brasília: IPEA, n. 70, set. 2005.

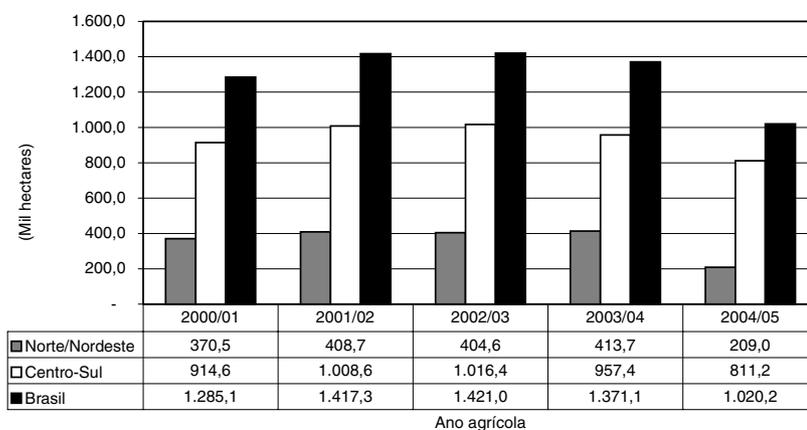


Figura 7 - Distribuição Regional da Área Plantada de Feijão da Primeira Safra, por Região, Brasil, Safras 2000/01 a 2004/05.

Fonte: CONAB, junho 2005.

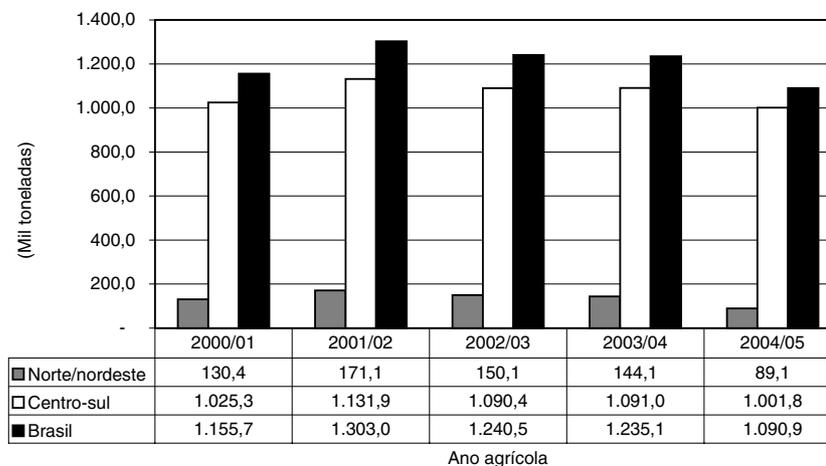


Figura 8 - Distribuição Regional da Produção de Feijão da Primeira Safra, Brasil, Anos Agrícolas 2000/01 a 2004/05.

Fonte: CONAB, junho 2005.

seguidos dos Estados de São Paulo (10%). Verifica-se que a maior produtividade coloca o Estado de São Paulo nessa posição, em vista de sua participação em área configurar-se menos expressiva (6%). Trata-se da safra de feijão que concentra-se na Região Centro-Sul e que, em importantes zonas de produção como o sudoeste paulista, tem enfrentado a concorrência com a soja, em especial nas decisões dos lavradores mais tecnificados. Entretanto, a presença da soja acaba por determinar dificuldades para os demais lavradores, de qualquer tamanho ou perfil técnico, por trazer o problema da mosca branca, vetor do agente causador da doença limitante denominada mosaico dourado, que pode levar à frustração completa da safra.

Essas informações formam as expectativas dentro das quais estão sendo tomadas as decisões de plantio da próxima safra de feijão. A realidade de dificuldades da safra das secas anterior também pesa contra as perspectivas dos lavradores de feijão no sudoeste paulista e em outras regiões brasileiras, sendo que ocorrem níveis elevados de dificuldades de equacionar os respectivos endividamentos (estima-se que 64% dos lavradores do sudoeste paulista tiveram perdas na safra das secas). Ainda assim, muitos, para depreciarem a respectiva estrutura de capital fixo, terão de enfrentar o desafio de plantar na safra das águas. Estimula-os, em primeiro lugar, uma conjuntura de preços bastante estimuladora nessa fase de decisão de plantio, os níveis mais elevados de preços de feijão no atacado desse período desde a safra 2001/02 (Figura 9), numa realidade em que a oferta responde a preços, conduzindo à formação de expectativas favoráveis, inclusive para os mais tecnificados, em função dos preços reduzidos da soja. Se essa conjuntura conduz à formação de expectativas no sudoeste paulista, nas demais regiões feijoeiras do Brasil, onde a presença da soja não se mostra tão contundente, vislumbra-se preços superiores e estimuladores, notadamente para os plantios do “cedo”.

Falta considerar a realidade dos custos de produção que, em função da disponibilidade de recursos, conformam os elementos finais da formação de expectativas para o plantio da próxima safra de feijão das águas. Há uma diversidade de sistemas de cultivo de feijão, cada qual ainda diferenciado pelas diversas situações de financiamento a que estão submetidos os lavra-

dores nas diversas regiões produtoras brasileiras.

Nos cultivos de sequeiro, com produtividades variando de 600kg/ha a 1.500kg/ha, encontram-se desde processos produtivos com uso de tração animal, capinas e colheitas mecânicas até com uso intensivo de maquinaria. Nos cultivos para obtenção de 600kg/ha, os principais componentes do custo operacional total (COT) são adubos e corretivos (28%), defensivos (23%) e mão-de-obra (21%), enquanto para 1.500kg/ha, esses elementos são: defensivos (27%), uso de máquinas (22%) e adubos e corretivos (20%). Para os sistemas irrigados, as produtividades consideradas variam de 3.000kg/ha a 4.200kg/ha, oscilando em função, principalmente, da sucessão de lavouras e da rotação de culturas nas áreas de pivô central que definem a incidência de podridão da raiz. Assim, as produtividades crescem em função da qualidade da rotação de culturas realizada. Na situação de 3.000kg/ha, os principais componentes do COT são: insumos (39%), máquinas (25%), irrigação (17%) e custos financeiros (12%), enquanto para 4.200kg/ha, as participações desses componentes são: insumos (40%), máquinas (19%), irrigação (19%) e custos financeiros (13%).

Nos cultivos irrigados encontra-se enorme diversidade de situações em função do nível de endividamento dos lavradores, da fidelidade aos fornecedores de insumos e da necessidade de irrigação menor na safra das águas. Para os custos financeiros adotou-se, para o padrão de 3.000kg/ha, custos financeiros correspondentes a 25% de recursos próprios, 25% às taxas oficiais (8,75% ao ano) e metade a juros livres (média de 30% ao ano), e, para o padrão de 4.200kg/ha, consideraram-se 30% de recursos próprios, 20% às taxas oficiais (8,75% ao ano) e metade a juros livres (média de 30% ao ano). É importante salientar que essas estimativas de custos correspondem a avaliações com preços de agosto de 2005 para sistemas padrões, entre os quais na realidade verifica-se uma imensa gama de situações particulares, servindo os dados apenas como parâmetros para as análises de rentabilidade estimada. Quanto maiores as produtividades esperadas (de 600kg/ha para 4.200kg/ha), maiores tanto os custos operacionais efetivos, respectivamente R\$555,85/ha, R\$1.070,96/ha, R\$2.400,30/ha e R\$2.512,30/ha para cada sistema de cultivo, como os custos operacionais totais, respectivamente R\$579,82/ha, R\$1.269,33/ha,

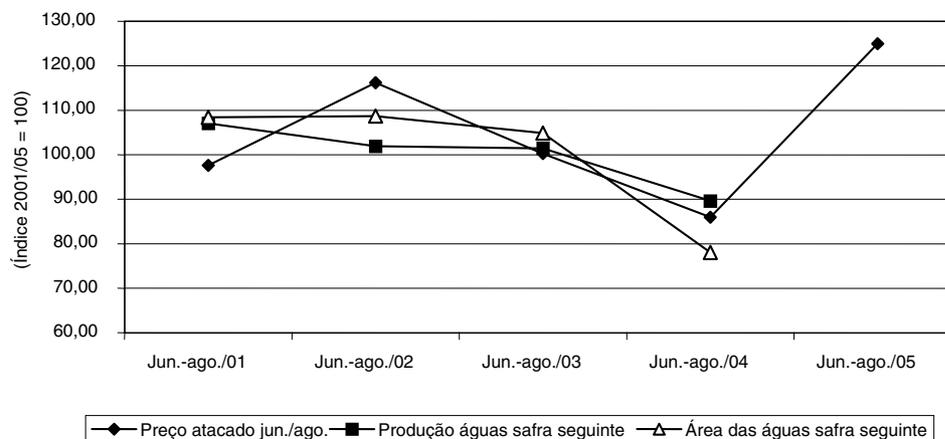


Figura 9 - Impactos dos Preços de Feijão no Atacado Paulistano, Média dos Meses de Junho a Agosto, no Plantio Seguinte da Safra das Águas, Brasil, Anos Agrícolas 2000/01 a 2004/05.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

R\$2.400,30/ha e R\$3.346,57/ha (Tabela 2). Entretanto, os custos unitários são inversamente proporcionais aos níveis de produtividade (R\$57,98/sc. de 60kg para 600kg/ha para R\$47,81/sc. de 60kg para 4.200kg/ha). Assim, as rendas líquidas (tanto por hectare como para os totais das áreas médias) crescem no mesmo sentido das produtividades, não apenas em função dos custos decrescentes, mas também porque os lavradores mais tecnificados obtêm preços maiores dada a maior qualidade do produto e menores custos de transação (custo unitário de transporte para fazer uma carga de caminhão de no mínimo 200 sacas), além de que nos cultivos irrigados também podem programar-se para entregas fora dos picos de oferta (Tabela 3).

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As enormes diferenças encontradas nas lavouras de feijão quando visualizadas no plano nacional, envolvendo tipos, variedades, épocas de plantio, tecnologias, estruturas de mercado e formação de preços com enormes amplitudes de variação e distintos mecanismos de coordenação vertical do fluxo produção-consumo tornam complexas as tentativas de formulação de prognósticos. Assim, por exemplo, aqueles produtores que anteciparem plantios estimulados por preços mais altos terão remunerações superiores àqueles que plantam mais tarde dentro da mesma safra. Em função desses elementos e da análise realizada, os preços estimuladores para o

feijão numa realidade de preços de insumos carentes levam ao prognóstico de aumento da área plantada e de maior produção de feijão na safra das águas do ano agrícola 2005/06.

Palavras-chave: preços recebidos, safras agropecuárias, prognóstico agrícola.

TABELA 2 - Estimativa de Custo da Produção da Cultura de Feijão das Águas, Sistemas de Cultivo de Sequeiro e Irrigado, Estado de São Paulo, Agosto de 2005
(em R\$/ha)

Variável	Sistema sequeiro		Sistema irrigado	
	600kg/ha	1.500kg/ha	3.000kg/ha	4.200kg/ha
Mão-de-obra	124,30	29,00	30,20	33,40
Sementes	32,25	82,05	104,20	107,20
Adubos e corretivos	157,40	257,85	432,20	442,20
Defensivos	135,40	333,70	783,40	812,20
Operação de máquina	82,20	282,06	314,70	341,20
Irrigação			603,20	633,40
Colheita ¹	24,30	86,31	132,40	142,70
Custo Operacional Efetivo (COE)	555,85	1.070,96	2.400,30	2.512,30
Depreciação	2,45	73,77	284,20	294,30
Encargos sociais	1,20	9,64	6,20	7,16
CESSR	16,00	40,00	80,00	112,00
Encargos financeiros	4,32	74,97	412,55	420,81
Custo Operacional Total (COT)	579,82	1.269,33	2.400,30	3.346,57

¹Manual para sistema de 600kg/ha (mão-de-obra própria), manual com transporte mecânico para 1.500kg/ha (empreita) e mecanizadas para os sistemas irrigados (máquinas próprias).
Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 3 - Estimativa de Rentabilidade da Cultura de Feijão das Águas, Estado de São Paulo, Sistemas de Cultivo de Sequeiro e Irrigado, Agosto de 2005

Variável	Sistema sequeiro		Sistema irrigado	
	600kg/ha	1.500kg/ha	3.000kg/ha	4.200kg/ha
Custo Operacional Total (COT) (R\$/ha)	579,82	1.269,33	2.400,30	3.346,57
Custo unitário (R\$/sc.60kg)	57,98	50,77	48,01	47,81
Área média (ha)	4,25	38,75	70,00	90,00
Preços de venda ((R\$/sc.60kg)	75,00	78,00	82,00	82,00
Receita líquida (ha)	170,18	680,67	1.699,70	2.393,43
Receita líquida Total (R\$)	723,26	26.375,83	118.979,00	215.408,68

Fonte: Dados da pesquisa.